



# Investigação Científica nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 2

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

**Atena**  
Editora

Ano 2019

**Willian Douglas Guilherme**  
(Organizador)

**Investigação Científica nas Ciências  
Humanas e Sociais Aplicadas  
2**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Lorena Prestes e Geraldo Alves

**Revisão:** Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

l62 Investigação científica nas ciências humanas e sociais aplicadas 2  
[recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. –  
Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Investigação  
Científica nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-268-5

DOI 10.22533/at.ed.685191604

1. Ciências sociais aplicadas. 2. Humanidades – Pesquisa –  
Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 370.1

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)



## APRESENTAÇÃO

Os artigos organizados neste livro retratam o objetivo proposto de demonstrar resultados de pesquisas que envolvam a investigação científica nas áreas da Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, sobretudo, que envolvam particularmente a educação, a administração e o direito.

O livro “Investigação Científica nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas” está organizado em 03 volumes. Este 2º volume reúne um total de 24 artigos, sendo na 1ª parte, 10 artigos voltados especificamente para as Ciências Humanas, com destaque especial à educação e tecnologias, história, políticas públicas para a educação, estudos de casos, uso da internet na educação e saúde docente.

E na 2ª parte, voltada às Ciências Sociais Aplicadas, temos 10 artigos que irão discutir temas como consultorias, gestão de clima organizacional, formação de empreendedores, estudos de casos, tecnologia e empreendimento, marxismo, turismo e Libras, seguidos por mais 04 artigos que apresentam debates e resultados dentro do contexto jurídico com temas como a análise da legislação trabalhista e do Código de Ciência, Tecnologia e Inovação, discussão sobre a linguagem jurídica e politização do judiciário.

Os textos são um convite a leitura e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, particulares e públicas federais e estaduais, distribuídas entre 10 estados, com destaque para as regiões norte e nordeste, que mais contribuíram neste 2º volume.

Assim fechamos este 2º volume do livro “Investigação Científica nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas” e esperamos poder contribuir com o campo acadêmico e científico, socializando resultados de pesquisas e inovações e dando continuidade a disseminação do conhecimento.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A BIBLIOTECA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE PORTO VELHO (RO): CONDIÇÕES DE INSTALAÇÃO E FUNCIONAMENTO	
<i>Zillanda Teixeira Rodrigues Stein</i> <i>Kétila Batista da Silva Teixeira</i> <i>Jussara Santos Pimenta</i>	
<b>DOI DOI 10.22533/at.ed.6851916041</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>10</b>
ANÁLISE DA EFICIÊNCIA NOS GASTOS PÚBLICOS COM EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL NOS COLÉGIOS MILITARES DO EXÉRCITO EM 2014	
<i>Tarso Rocha Lula Pereira</i> <i>Gilberto Magalhães da Silva Filho</i> <i>Marke Geisy da Silva Dantas</i>	
<b>DOI DOI 10.22533/at.ed.6851916042</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
FILOSOFIA DA CIÊNCIA, CURRÍCULO E FORMAÇÃO DOCENTE NA ÁREA DE CIÊNCIAS NATURAIS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO	
<i>Januário Rosendo Máximo Júnior</i> <i>Meirecele Calíope Leitinho</i>	
<b>DOI DOI 10.22533/at.ed.6851916043</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
DOCÊNCIA E TECNOLOGIAS DIGITAIS: DESENVOLVIMENTO DE MATERIAIS AUTORAIS DIGITAIS EDUCACIONAIS	
<i>Gabriela Teles</i> <i>Thayana Brunna Queiroz Lima Sena</i> <i>João Ítalo Mascena Lopes</i> <i>Paloma Lopes de Melo</i> <i>Robson Carlos Loureiro</i> <i>Luciana de Lima</i>	
<b>DOI DOI 10.22533/at.ed.6851916044</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>46</b>
AS CAMADAS DE MEMÓRIA DO CAMPUS DA ESDI E SEUS ANTECEDENTES	
<i>Romulo Augusto Pinto Guina</i> <i>Karolyne Linhares Longchamps Fonseca</i> <i>Yasmin Machado Oliveira</i> <i>Aline d'Able de Barros</i> <i>Fafaella Vieira Cardoso</i>	
<b>DOI DOI 10.22533/at.ed.6851916045</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>61</b>
O CONTEXTO DAS POLÍTICAS DE VALORIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO E APRENDIZAGEM DA DOCENCIA NA HORA-ATIVIDADE DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Maria Zenilda Costa</i> <i>Karine Kévine da Rocha Sousa</i>	

*Lara Crisley Alves Domingues*

**DOI 10.22533/at.ed.6851916046**

**CAPÍTULO 7 ..... 75**

O USO DO FACEBOOK COMO FERRAMENTA DE ENSINO. EXPERIÊNCIAS DA MONITORIA DE REDAÇÃO PUBLICITÁRIA I E II

*Clara Larissa Sales Maia*

*Ítalo Antônio Gonçalves Oliveira*

*Nicacio Ramon Braga Lira*

*Claudio Henrique Nunes de Sena*

**DOI 10.22533/at.ed.6851916047**

**CAPÍTULO 8 ..... 79**

DA DECADÊNCIA À REQUALIFICAÇÃO DO PARIS N' AMÉRICA

*Rafaela Guimarães Espinheiro*

*Simone de Nazaré Dias Pena Lima*

**DOI 10.22533/at.ed.6851916048**

**CAPÍTULO 9 ..... 85**

AXÉ ABASSÁ DE OGUM: O CULTO A OXUM E A LAGOA DO ABAETÉ

*Caroline Stender Moraes Santana*

*Fernanda Reis Pereira Santos*

**DOI 10.22533/at.ed.6851916049**

**CAPÍTULO 10 ..... 102**

SAÚDE MENTAL DO PROFESSOR NO BRASIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

*Estefanni Mairla Alves*

*Ruth Maria de Paula Gonçalves*

*Antônio Dario Lopes Junior*

**DOI 10.22533/at.ed.68519160410**

**PARTE II - CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

**CAPÍTULO 11 ..... 118**

A INVESTIGAÇÃO APRECIATIVA COMO FUNDAMENTO PARA A CONSULTORIA INTERNA

*Ana Sara Leite Santos*

**DOI 10.22533/at.ed.68519160411**

**CAPÍTULO 12 ..... 130**

ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA GESTÃO DE CLIMA ORGANIZACIONAL EM UMA ONG

*Joema Vitória Rêgo Rocha*

*Francisca Fabiana Menezes Lira*

**DOI 10.22533/at.ed.68519160412**

**CAPÍTULO 13 ..... 138**

MICROEMPREENDEDOR INDIVIDUAL – MEI: A FORMALIZAÇÃO DOS EMPREENDEDORES DO COMPLEXO ARTESANAL DE AQUIRAZ-CE

*Francisco Sávio de Oliveira Barros*

*Jéssica Maria Chaves Menezes*

**DOI 10.22533/at.ed.68519160413**

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>151</b>
COOPTANDO GESTÃO NA QUALIDADE DE VIDA: ECOEFICIÊNCIA COLABORATIVA NO AMBIENTE DE TRABALHO	
<i>Arnaud Velloso Pamponet</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68519160414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>167</b>
GESTÃO DAS AÇÕES EM ORGANIZAÇÕES DO TERCEIRO SETOR: UM ESTUDO DE CASO NA ONG POSTO DE PUERICULTURA SUZANE JACOB	
<i>Bruna Renata de Lima Gomes</i>	
<i>Marcela Lima do Nascimento</i>	
<i>Maria Carolina Araújo Rizzi</i>	
<i>Mara Águida Porfírio Moura</i>	
<i>Kelsen Arcângelo Ferreira e Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68519160415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>177</b>
INTENÇÃO DE USO DE APLICATIVOS E A GERAÇÃO DE VALOR: INOVANDO NO RAMO DE LAVANDERIAS DOMÉSTICAS	
<i>Danilo Augusto de Souza Machado</i>	
<i>Rodrigo Lopes Nabarreto</i>	
<i>Luiz Silva dos Santos</i>	
<i>Debora Mendonça Monteiro Machado</i>	
<i>Leonel Cezar Rodriguez</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68519160416</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>196</b>
A TEORIA DO IMPERIALISMO MARXISTA DE LENIN NO CAPITALISMO DO SÉCULO XXI	
<i>Sinedei de Moura Pereira</i>	
<i>Alexandre Silva de Lima</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68519160417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>205</b>
O PROGRAMA DE INCENTIVO AO DESLIGAMENTO VOLUNTÁRIO (PIDV) DOS EMPREGADOS DA PETROBRÁS NO CENÁRIO DAS EMPRESAS ESTATAIS BRASILEIRAS (2014 - 2017)	
<i>Beatriz Stefani Rosa de Moura</i>	
<i>Gerusa Coutinho Ramos</i>	
<i>Nathalia Carvalho de Lima Pessoa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68519160418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>220</b>
TURISMO DE ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO: A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) PARA A HOTELARIA CARIOCA	
<i>Erika Conceição Gelenske Cunha</i>	
<i>Cícera Olinta da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68519160419</b>	

<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>240</b>
GERAÇÃO Z E BABY BOOMERS: COM QUANTAS PEÇAS JEANS SE FAZ UM GUARDA-ROUPA?	
<i>Onnara Custódio Gomes</i>	
<i>Livia Lopes Custódio</i>	
<i>Thelma Valeria Rocha</i>	
<i>Vivian Iara Strehlau</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68519160420</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>246</b>
(DE)FORMAS NO SISTEMA JURÍDICO TRABALHISTA COM O ADVENTO DA LEI 13.467/17: ANOTAÇÕES CRÍTICO-ANALÍTICAS PAUTADAS NA RELAÇÃO CAPITAL VERSUS TRABALHO	
<i>Luana da Silva Dias</i>	
<i>Betânea Moreira de Moraes</i>	
<i>Pedro Hiago Santos Marques</i>	
<i>Francisco Ayslan Regino da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68519160421</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>260</b>
A LINGUAGEM JURÍDICA COMO BARREIRA AO EFETIVO ACESSO À JUSTIÇA: A NECESSIDADE DE APROXIMAÇÃO DA POPULAÇÃO DO PODER JUDICIÁRIO POR MEIO DE AÇÕES AFIRMATIVAS	
<i>Luís Henrique Bortolai</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68519160422</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>273</b>
A POLITIZAÇÃO DO JUDICIÁRIO BRASILEIRO E SUAS CONFLUÊNCIAS SOB O PRISMA DA PEC DA BENGALA	
<i>Vinicius Araújo Silva</i>	
<i>Michelle Asato Junqueira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68519160423</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>289</b>
O CÓDIGO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO: AS INTERPRETAÇÕES JURÍDICAS POSSÍVEIS PARA OS AMBIENTES DE INOVAÇÃO BRASILEIROS DE NATUREZA PÚBLICA	
<i>Carolina Leite Amaral Fontoura</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68519160424</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>311</b>



## AS CAMADAS DE MEMÓRIA DO CAMPUS DA ESDI E SEUS ANTECEDENTES

### Romulo Augusto Pinto Guina

Universidade Estácio de Sá, curso de Arquitetura e Urbanismo; Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Rio de Janeiro – RJ

### Karolyne Linhares Longchamps

FonsecaGraduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estácio de Sá  
Rio de Janeiro – RJ

### Yasmin Machado Oliveira

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estácio de Sá  
Rio de Janeiro – RJ

### Aline d’Able de Barros

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estácio de Sá  
Rio de Janeiro – RJ

### Fafaella Vieira Cardoso

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estácio de Sá  
Rio de Janeiro – RJ

**RESUMO:** A Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) foi fundada em 1963-1964 no bairro da Lapa no Rio de Janeiro iniciando o ensino superior do Design no Brasil. Os 3 terrenos que hoje compõem seu campus possuem muitas camadas históricas de ocupação, tanto anteriores a implantação das edificações atuais, quanto aos usos posteriores. O presente trabalho propõe apresentar as descobertas acerca da memória das transformações da morfologia urbana do campus em questão e do seu entorno imediato. Para tanto foram

levantados os dados iconográficos existentes nos órgãos competentes da cidade do Rio de Janeiro, e analisados para compreender as transformações desde a inauguração do Passeio Público até os dias atuais. Foi preciso estabelecer uma base conceitual para a leitura do lugar, e, para tanto, foi adotada a metáfora do palimpsesto em busca das diferentes camadas da “escrita” arquitetônica e urbanística.

**PALAVRAS-CHAVE:** História do design. Design e arquitetura. Design e patrimônio. Campus da ESDI. Palimpsesto.

**ABSTRACT:** The Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) was founded in 1963-1964 in the district of Lapa in Rio de Janeiro beginning the higher education of Design in Brazil. The 3 terrains that today comprise its campus have many historical layers of occupation, both previous to the implantation of the current buildings, and the later uses. The present work proposes to present the discoveries about the memory of the transformations of the urban morphology of the campus in question and of its immediate surroundings. For that purpose, the iconographic data existing in the competent organs of the city of Rio de Janeiro were analyzed and analyzed to understand the transformations from the inauguration of the Public Walk to the present day. It was necessary to establish a conceptual basis for the reading of the place,

and for that, the metaphor of the palimpsest was adopted in search of the different layers of architectural and urbanistic “writing”.

**KEYWORDS:** History of design. Design and architecture. Design and equity. ESDI Campus. Palimpsest.

## 1 | INTRODUÇÃO

A Escola Superior de Desenho Industrial foi fundada em 1963 no bairro da Lapa no Rio de Janeiro iniciando o ensino superior do Design no Brasil e, desde então, participa ativamente no ciclo de desenvolvimento desta área do conhecimento e atuação profissional tendo adquirido ao longo dos anos reconhecimento e prestígio como uma instituição de excelência. Por estar situado em uma das mais antigas áreas ocupadas da cidade, seus limites territoriais e suas edificações são o resultado da sobreposição de todas as camadas históricas dos distintos usos, moradores, instituições, estilos arquitetônicos e projetos urbanísticos ali executados. O conjunto de edificações atuais que compõem a ESDI sofreram algumas alterações e acréscimos pontuais desde a sua inauguração, mas em sua maioria são oriundos do uso anterior a escola, o ‘Laboratório Chimico Pharmaceutico’. Além deste fato, a instituição tem em seus limites territoriais outros dois terrenos oriundos de demolições.

As recentes intervenções ocorridas no campus entre os anos de 2015 e 2018, tanto para melhoria da acessibilidade, quanto para criação de um novo acesso a escola pela rua do Passeio, demandou a necessidade de se pesquisar a situação patrimonial do conjunto e do seu entorno, além do levantamento de dados relacionados a legislação específica para obras nesta região administrativa da cidade. As reuniões com os profissionais, professores e representantes da direção da ESDI envolvidos com tais iniciativas demonstraram que não se conhece plenamente a história pregressa deste lugar, e tal falta de conhecimento trazem incertezas de naturezas distintas, tais como a importância arquitetônica deste conjunto do ponto de vista patrimonial (independentemente de instâncias de preservação já vigentes), as técnicas construtivas nele utilizadas, que edificações já ocuparam este espaço e foram retiradas, apenas para citar alguns exemplos. Este cenário se revelou uma oportunidade de aprofundar esta pesquisa histórica acerca do campus e o seu entorno como um projeto de iniciação científica vinculado ao projeto de pesquisa de doutorado de um dos autores em desenvolvimento no PPD-ESDI.

Adotando a premissa de que o cadastro arquitetônico é o ponto de partida que permitira as futuras elaborações de planos de ações visando a preservação de bens históricos - os quais devem ser feitos com apuro e exatidão de modo a permitir uma leitura detalhada da evolução do objeto arquitetônico e suas transformações – este projeto foi desenvolvido em parceria com alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estácio de Sá. Diante das especificidades da pesquisa, dos recursos

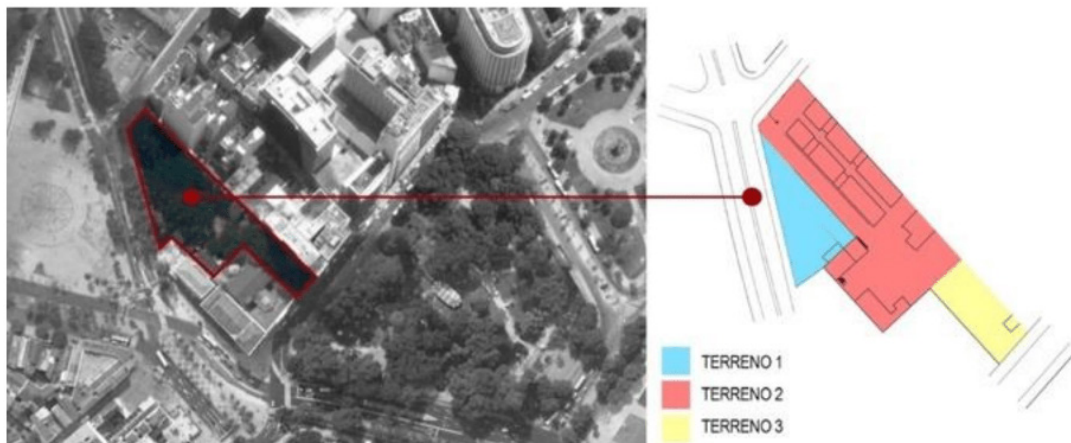
disponíveis, e das normas do setor de Pesquisa e Produtividade da instituição, foram adotados critérios para elaboração de um plano de trabalho que viabilizasse a feitura de um cadastro em camadas históricas com ênfase numa análise morfológica das transformações do lugar ao longo tempo através de representações bi e tridimensionais.

Para o autor José Tito Rojo (1999), a cidade composta pelos seus edifícios e seus jardins devem ser tratados como documentos em si, complexos e 'polimatericos' onde somente o conhecimento do que denominamos de cultura de restauração, sua história, sua técnica e suas tecnologias, permitirão uma operação criteriosa. Em seu trabalho, Rojo faz um paralelo entre o palimpsesto e o sítio histórico, sendo palimpsesto o nome que designa um pergaminho ou papiro cujo texto foi eliminado para permitir a reutilização por seus escribas. Contudo, nunca foi possível eliminar totalmente os escritos anteriores, dotando esta superfície da memória de sua utilização. Partindo deste conceito, Rojo defende que o lugar enquanto sítio histórico é um palimpsesto em si mesmo, sendo possível identificar traços de suas ocupações anteriores a partir de observações criteriosas das possíveis memórias nele inscritas. Em consonância com outros importantes autores como Cesare Brandi (2004), foi adotada como premissa que a memória da passagem do tempo deve ser marcada e documentada visando apontar o seu potencial investigativo.

Não se trata, entretanto, de entender as cidades consolidadas como áreas cristalizadas e impedidas de intervenção; pelo contrario, tratam-se de territórios férteis e ricos de possibilidades de novos usos. O conhecimento da memória de ocupação das cidades adquire, então, outra importante possibilidade: um guia para as transformações do tecido consolidado, respeitando sua memória e potencializando os novos projetos. O campo da arquitetura e do urbanismo está crescendo progressivamente no vetor de atuação nas cidades consolidadas, potencializando as temáticas da re-arquitetura e do patrimônio como questões cernes dos novos projetos.

## **2 | ENSAIO PARA UM HISTÓRICO AMPLIADO DO LUGAR**

Sabia-se de antemão a partir de conversas com pessoas relacionadas direta ou indiretamente a instituição que antes da instalação da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), na quadra compreendida entre a rua Evaristo da Veiga, avenida Republica do Paraguai, rua do Passeio e rua das Marrecas; outras atividades ocuparam o atual perímetro do campus, sendo que a maioria dos edifícios que hoje compõem o conjunto arquitetônica da escola é remanescente destas outras ocupações. Durante o desenvolvimento do projeto de pesquisa foram levantados documentos que esclarecem algumas destas questões, sendo uma delas a composição territorial do espaço. A área considerada do campus da instituição é formada por três terrenos distintos, fato este ilustrado nas figuras 1 e 2 para iniciar a compreensão das camadas da memória que compõem este lugar.



Figuras 1 e 2: Mapa de localização do campus da ESDI no bairro da Lapa, e planta esquemática demonstrando a configuração do campus pelos três terrenos distintos que o compõem. Crédito: Romulo Guina.

Fonte: Acervo pessoal dos autores.

A partir da documentação levantada junto Subprefeitura referente a II Região Administrativa da SMU do Rio de Janeiro, foram mapeados os atuais limites legais dos lotes e seus endereços registrados no banco de dados da Prefeitura. Na figura 2 o terreno de número três é situado à rua do Passeio número 80; o terreno de número dois é situado à rua Evaristo da Veiga número 95; e, por fim, o terreno de número um é o trecho residual do antigo terreno situado a rua Evaristo da Veiga número 105, o qual teve seus limites modificados pela abertura da Avenida República do Paraguai. Este preambulo se faz necessário para facilitar a compreensão das sobreposições históricas que se seguirão pelas diferentes ocupações da área pela casa do Conde da Barca e sua Botica, instalações militares como os laboratórios farmacêuticos do Exército Brasileiro, além de uma vila operária. A história progressiva a estas ocupações, a qual coincide com o período anterior a construção do Passeio Público em 1783, é menos documentada e, portanto, mais obscura. A partir deste ponto do trabalho será iniciada uma diacronia da região desde o século XVIII até os dias atuais.

## 2.1 A Lagoa do Boqueirão e o Convento da Ajuda

Segundo Macedo (2004) a região onde hoje se situa o quarteirão que abriga a ESDI e o Passeio Público eram, respectivamente, uma área de utilização rural e a Lagoa do Boqueirão. Esta lagoa era formada pela foz de rios e seus afluentes que meandravam a região. Apesar da presença dos corpos d'água, a área não constituía uma área alagadiça, de brejo ou mangue, tendo terras férteis e propensas a agricultura. Entre 1745 e 1750 é fundado o Convento da Ajuda pelas monjas clarissas oriundas do Convento de Santa Clara do Desterro da Bahia. Segundo Jaboação (1862), este foi o primeiro mosteiro feminino do Rio de Janeiro que tinha como regentes as Madres Maria Caetana da Assumpção por abadessa, e a Madre Jozefa Clara de Jesus, por vigária e mestra. A área do convento era uma extensa área territorial para a época,



se estendendo da área da atual Cinelândia até o atual largo da Lapa, o que pode ser observado nas figuras 3 e 4.



Figuras 3 e 4: Mapa da cidade do Rio de Janeiro em 1769 indicando a localização do Convento da Ajuda, e ao lado ampliação do mapa mostrando o convento e a localização aproximada do campus da ESDI dentro dos seus limites. Crédito: Engenheiro Francisco José Roscio.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional, adaptada pelos autores.

Como relata Jaboatão (1862), o edifício principal do convento se posicionava mais próximo ao chafariz do Aqueduto da Carioca (atualmente conhecido como Arcos da Lapa) junto a área da atual Cinelândia, enquanto que na porção mais próxima a lagoa do Boqueirão ocorriam atividades de agricultura, criação de animais, artesanato e outras atividades. Percebe-se ainda na figura 4 que a Lagoa do Boqueirão estava presente na paisagem. Segundo Macedo (2004) esta lagoa era utilizada para diversos fins que traziam grande insatisfação para população. Pela natureza salobra de suas águas, era local de despejo de esgoto, restos mortais de animais e até mesmo cadáveres humanos que não tinham direito a um enterro como escravos, indígenas, por exemplo. Esta foi aterrada nas últimas duas décadas do século XVIII, no tempo do Vice-Rei Luiz de Vasconcelos e Souza com as terras do desmorte do Morro das Mangueiras vizinho ao local para construção primeiro parque planejado do país, o Passeio Público. Seu traçado original, estruturas e obras de arte elaborados por Valentim da Fonseca e Silva, mais conhecido como Mestre Valentim.



Figuras 5 e 6: Mapa da cidade do Rio de Janeiro em 1791 indicando o aparecimento do Passeio Público e das transformações urbanas, e ao lado ampliação do mapa mostrando o



convento e a localização aproximada do campus da ESDI dentro dos seus limites pelo número 1. Crédito: Engenheiro Francisco José Roscio.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional, adaptada pelos autores.

As terras do convento foram subdivididas em duas quadras pela rua das Marrecas que compõe o eixo de acesso principal ao Passeio Público até a fonte das Marrecas (também projeto do Mestre Valentim) situado à rua dos Barbonos (atual rua Evaristo da Veiga). Nota-se pela linguagem cartográfica que a quadra indicada pelo número 1 na figura 6 indica a área onde hoje fica a ESDI ainda com caráter rural e cercado por edificações de borda. Já no final do século XVIII as cartografias existentes indicam a presença de edifícios voltados para atividades militares ao redor do convento e, inclusive, dividindo parte de uma de suas quadras como poderemos ver na figura 7 com a presença do Quartel da Infantaria. Ainda na rua dos Barbonos se instalaram o Hospício e o centro de Recolhimento dos Órfãos, todas atividades promovidas pelo Convento dos Barbonos – edificação esta ocupada pelo atual Batalhão da Polícia Militar desde 1852 (PAIVA, 2012).



Figura 7: Mapa da cidade do Rio de Janeiro entre 1795 e 1815 indicando o aparecimento do Passeio Público e das transformações urbanas. Crédito: Fundação Biblioteca Nacional.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional, adaptada pelos autores.

Segundo Abreu (1997) o Convento da ajuda é demolido em 1911 e transferido para o bairro de Vila Isabel, mas antes disso sua extensão já se limitava ao edifício principal que ocupava parte da atual Praça da Cinelândia. Estima-se que a quadra onde hoje está o campus da ESDI já não tivesse mais atividades das freiras desde o início do século XIX. Atribui-se a este fato, tanto o aparecimento do Convento de Santa Teresa, quanto a rápida valorização do solo da região com as melhorias oriundas das obras do Passeio Público. Contudo, tratam-se de dados sem comprovações além das inferidas pelo autor, mas sabe-se que a partir de 1808 a quadra tem oficialmente uma nova ocupação comprovada pelo Conde de Barca.

## 2.2 O Solar Conde de Barca, a Imprensa Régia e o Supremo Tribunal Federal

Antônio Araújo de Azevedo, conhecido como conde da Barca, foi o primeiro cidadão português a receber este título, ocupando também diversos cargos junto ao governo português, participando do Conselho de Estado, sendo Ministro e Secretário

de Estado de várias pastas. Em 1808 acompanhando a Família Real chega ao Rio de Janeiro e fixa endereço na Ilha Larga d’Ajuda nº 42 (posteriormente rua do Passeio nº 48, e atualmente rua do Passeio nº 80), local onde instalou na mesma edificação sua residência, seu laboratório de química, para que a Junta Real do Comércio pudesse realizar estudos e estimular alguns ramos da indústria nacional, além da sede da Imprensa Régia que funcionava no térreo do edifício em estilo colonial luso-brasileiro (figura 8) onde foi produzido o primeiro jornal do Brasil colônia intitulado ‘Gazeta do Rio de Janeiro’ (QUEIROZ apud SANTOS, 1944).



Figuras 8, 9 e 10: Fachada do Solar do Conde de Barca por volta de 1820; fachada do Supremo Tribunal Federal no final do século XIX; fotografia do início do século XX mostrando a edificação ao lado do antigo edifício do Automóvel Clube do Brasil. Crédito: Bianca Faro Rodrigues e IMS-RIO.

Fonte: acervo pessoal dos autores e Reserva fotográfica IMS-RIO.

Sabe-se, porem, que apesar do interesse do conde da Barca pela química, seu maior objeto de estudo era a botânica, chegando a desenvolver o cultivo de diversos tipos de plantas nativas e exóticas que foram reunidas no catalogo “Hortos Araujensis”. A parte prática das experiências era de responsabilidade do boticário Jose Caetano de Barros, que utilizou as dependências do laboratório para dar aulas de química aos candidatos que desejavam a habilitação profissional de boticário e aulas práticas para os alunos da Academia de Medicina (SANTOS, 2004). De acordo com Santos (2004), pode-se afirmar que o laboratório começou a funcionar ainda em 1808 de acordo com uma correspondência entre Antônio Araújo e Frei José da Costa Azevedo, botânico e mineralogista, onde afirma “meu laboratório principia a trabalhar com utilidade” (Documentos, IHGB). As grandes dimensões do lote que se estendia até a rua dos Barbonos (atual Evaristo da Veiga) facilitaram a implementação das diferentes atividades (ver figura 11).



Figuras 11 e 12: Mapa da região do Solar no século XIX mostrando na cor rosa os limites do

terreno do solar; fotografia aérea da cidade entre os anos de 1912 e 1937. Crédito: ambos desconhecidos.

Fonte: acervo pessoal de Rodolfo Capeto e acervo Fundação Biblioteca Nacional, adaptada pelos autores.

Após o falecimento do Conde em 1817, a Imprensa Régia manteve suas atividades no edifício até 1822 quando se mudou para um novo edifício da rua Treze de Maio. A partir deste momento até 1989 a Secretaria dos Negócios da Justiça ocupou o solar e promoveu as reformas de fachadas a partir de 1850 dando ao edifício características ecléticas com forte influência neoclássica - estilo predominante na cidade naquele momento (ver figuras 9 e 10). Segundo Barata (2012), a partir de 1896 o instituto '*Pedagogium*' passou a ocupar o edifício promovendo o ensino aperfeiçoado nas áreas das ciências naturais, química e literatura, servindo de modelo para outros colégios. Seu prestígio e localização fizeram com que o Solar abrigasse a primeira reunião da Academia Brasileira de Letras em 20 de julho de 1897. Barata afirma, ainda, que a edificação ficou de pé até 1937 quando sofreu um grande incêndio e precisou ser demolida, ficando a porção do terreno de frente para o Passeio Público desocupada até a fundação da ESDI.

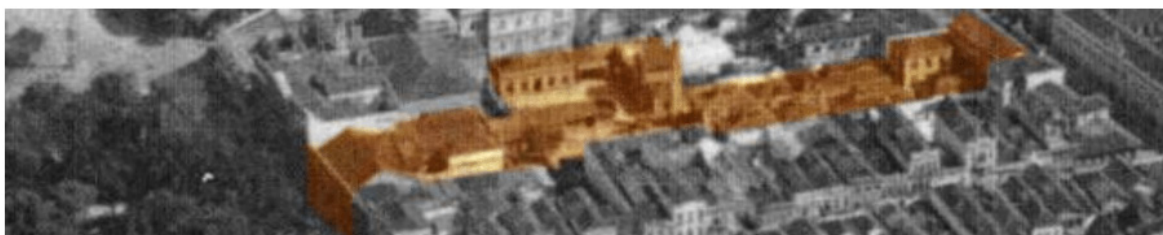


Figura 13: Detalhe ampliado da figura 12. Crédito: desconhecido.

Fonte: acervo Fundação Biblioteca Nacional, adaptada pelos autores.

Contudo, um fato curioso observado nas figuras 12 e 13 é a configuração dos edifícios junto a rua Evaristo da Veiga que indicam já serem pertencentes ao conjunto do Laboratório que seria ali instalado anos após a morte do Conde. O fato curioso se deve ao fato do Solar ainda estar de pé, o que indica três hipóteses possíveis: a primeira de que o terreno foi desmembrado em dois para separação dos usos; a segunda em que o *Pedagogium* e o Laboratório coexistiram no mesmo terreno durante algum tempo; e a terceira é de que, independentemente do possível desmembramento do terreno, o conjunto arquitetônico do Laboratório tenha se instalado parcial ou totalmente em edifícios anexos ao Solar onde, de fato, ocorriam as atividades químicas e botânicas, por exemplo.

### 2.3 Botica Real Militar e os Laboratórios Químicos Farmacêuticos

Devido a presença da corte portuguesa no Brasil a partir do ano de 1808 e a situação política e econômica do país, os serviços de saúde tiveram de ser melhorados e organizados, de modo a atender às tropas dos Reais Exércitos e Armada de Portugal.

Nesse sentido, o Príncipe Regente D. João sanciona o decreto de 21 de maio de 1808, criando a Botica Real Militar, anexa ao Hospital Militar e Ultramar, instalado no antigo Colégio dos Jesuítas, no morro do Castelo. Ao longo dos anos, a Botica Real passa por diversas mudanças organizacionais e de endereço, sendo instalada à rua Evaristo da Veiga nº 29 (atual nº 95), em 15 de dezembro de 1877, pela decisão nº 536, emitida pelo Ministro da Guerra Duque de Caxias (Luís Alves de Lima e Silva), onde foi autorizada a transferência do agora então “Laboratório Pharmaceutico” para uma sede própria localizada no referido endereço. A partir dessa data, passa a denominar-se “Laboratório Chimico Pharmaceutico” e sua mudança de sede só se efetiva no ano seguinte. O edifício principal apresentava estilo eclético, com forte influencia neoclassicista e detalhes neogóticos (figura 14).

A partir desta época, ainda que ligado ao Hospital Militar para fins administrativos e disciplinares, essas instruções já davam ao Laboratório certa autonomia técnica. É quando se inicia a obra do então Alferes Farmacêutico Augusto Cezar Diogo, idealizador e organizador do Laboratório como autêntico órgão industrial. Aplicando os conhecimentos adquiridos na comissão especial de viagem à Europa pelo Governo Imperial, o mesmo traçou um plano de modernização das instalações do laboratório, incluindo a criação de um horto para cultivo de plantas medicinais destinadas à utilização nas preparações medicamentosas. Moderniza a maquinaria e amplia a linha de produção. No dia 1º de março de 1880, o Governo Imperial, através do seu Ministro da Guerra, autoriza a construção de pavilhões e edifícios nos quais ficaram instaladas as várias divisões de serviços do Laboratório, de acordo com o plano de Augusto Cezar Diogo. As obras foram concluídas no dia 8 de novembro do mesmo ano, já sob a administração de José Antônio Correia da Câmara Pelotas na pasta da Guerra (Dicionário Histórico-Biográfico).



Figuras 14, 15 e 16: Fachada do edifício principal do Laboratório Chimico Pharmaceutico voltado para rua Evaristo da Veiga; fotos internas do laboratório em funcionamento. Crédito: João Paulo Vieira e Eduardo Pinto.

Fonte: Da Botica Real Militar ao Laboratório Químico Farmacêutico do Exército, 2010.

No ano de 1924 foi anexada uma Seção de Perfumaria a já existente Divisão de Farmacotécnica, tendo sido produzida uma linha cosmética. Uma rede telefônica integrada e uma rede geral de energia elétrica também foram instaladas neste ano melhorando as condições de trabalho do laboratório. No ano de 1926, a produção



de sabão em barra em escala industrial foi iniciada após criação da seção de saponificação, quando também foi inaugurado o pavilhão para confecção de ampolas e líquidos injetáveis. (PILLAR apud LEFEx 200 anos – história de uma jornada).

Em 1937, pelo decreto-lei nº 77 de 16 de dezembro, o Governo Federal autorizou a venda do imóvel à rua Evaristo de Veiga, onde o Laboratório estava funcionando desde 1878, no ano seguinte, abriu crédito para a construção de uma nova sede. Os argumentos apresentados para essa mudança mostravam que sua localização em zona urbana e residencial era imprópria para o funcionamento da instituição no que se referia à fabricação de produtos químicos. Além disso, a necessidade de instalações mais amplas e modernas se justificava por sua crescente produção para atender às necessidades do Exército. O novo prédio, localizado na rua Licínio Cardoso, no bairro de Triagem, foi concluído em junho de 1939, permanecendo neste local até hoje. (Dicionário Histórico-Biográfico).

## 2.4 A Escola Superior de Desenho Industrial

A Escola Superior de Desenho Industrial foi oficialmente criada em 25 de dezembro de 1962 pelo Decreto 1.443, mas somente em 4 de janeiro de 1963 foi publicado no Diário Oficial do Estado da Guanabara, disposto na rua Evaristo da Veiga 95. Com o intuito de formação através de uma educação técnica, científica, artística e cultural, o curso de Design da ESDI teve como base no modelo da HfG-Ulm (*Hochschule für Gestaltung Ulm*), escola alemã fundada em 1950 que buscava rever seus ideais da Bauhaus sob a perspectiva da sociedade industrial do pós-guerra, trazendo assim um otimismo ao governo da Guanabara, tendo em vista o momento histórico do qual o Brasil passava, proporcionando incentivo ao processo industrial brasileiro.

As atividades de ensino começaram por volta de 1963, como uma instituição isolada, pertencente a estrutura da Secretaria de Educação e Cultura da Guanabara. Desde então, iniciou-se os processos de transformações espaciais com as primeiras reformas para o recebimento da instituição. Mas somente em 1964 houve a inauguração da Escola Superior de Desenho Industrial, contando com presenças importantes como a do governador de estado vigente, Carlos Lacerda e o primeiro diretor fundador, arquiteto formado pela Escola Nacional de Belas Artes, Maurício Roberto. Além das reformas nos pavilhões do antigo Laboratório Chimico Farmacêutico do Exército, a Escola ganhou um pavilhão de exposições que ficava nos fundos do terreno, projetado e construído por alunos, professores e mestres de oficina.

Tendo em vista a memória oral de pessoas ligadas direta ou indiretamente a escola, dado que foi levado em consideração para esta pesquisa, o plantio das árvores de espécies nativas entre as edificações surgira durante a direção de Carmen Portinho. Não há registros sobre se o feito foi, de fato, executado por ela, mas considerando sua proximidade com o paisagista Roberto Burle Marx e muitos dos grandes arquitetos do movimento moderno, nutre-se esta perspectiva. Em 11 de abril de 1975, devido



a fusão do Rio de Janeiro e Guanabara, a ESDI foi incorporada à Universidade do Estado da Guanabara, UERJ.



Figuras 17, 18 e 19: Vista aérea do campus da ESDI; construção do pavilhão de exposições; vista aérea do campus onde percebe-se o dossel formado pelas árvores plantadas no local. Crédito: acervo ESDI.

Fonte: Site ESDI.

A instituição desenvolveu durante esse tempo, diversos eventos como Bienais Internacionais do Rio de Janeiro, que trouxeram relevância ao curso como aos projetos desenvolvidos, mas além desses eventos acadêmicos, outros eventos marcaram sua trajetória. Durante os anos de 1984 e 2003, a ESDI enfrentou um sério problema com a doação do seu terreno, pelo governo federal, para outra instituição. Acredita-se que esses eventos foram gerados pelo início do projeto Corredor Cultural em 1984.

“Mas só em 1984 que entra em vigor o projeto do Corredor Cultural (1979), que tinha o objetivo de preservar determinados ambientes urbanos de valor cultural do centro histórico do Rio de Janeiro, abrangendo a Lapa, Passeio, Cinelândia, Carioca, Praça Tiradentes, Largo do São Francisco, Saara e Praça XV. Posterior a isso, não houve mudanças físicas tão significativas na região, a última grande intervenção urbanística foi em 1990 no Largo da Lapa, onde foram criadas áreas de calçadas e um passeio central com palmeiras imperiais ligando o Lampadário da Lapa aos Arcos.” (MARTINS, 2008).



Figura 20, 21 e 22: Protestos 1984-2003; edifício MOTOLAB concluído. Crédito: acervo ESDI.

Fonte: Site ESDI.

Desta forma, entendendo o valor histórico local, outras atividades poderiam ser mais produtivas ao turismo, descartando a importância acadêmica da Escola. Pelo o que se sabe, havia a intenção de leva-la para o campus principal da UERJ no bairro do Maracanã. Observamos que a escola levava consigo nomes de arquitetos e engenheiros ligados a partidos comunistas, como Mauricio Roberto e Carmen Portinho, além de inaugurada por Carlos Lacerda, que escapou de atentados políticos por seu

posicionamento. Sendo assim, não há como afirmar, mas pressupor demais interesses nessas ações. Alunos e professores se posicionaram em passeatas, protestos e em idas ao plenário da Câmara dos Vereadores, contra a entrega do terreno.

Toda o movimento estudantil teve resposta e a ESDI pode permanecer em seu campus original, dando continuidade as suas atividades. Outros grandes eventos e mudanças acadêmicas, foram sendo feitas ao longo dos anos, mas somente em 2005, ocorreu uma intervenção física no terreno. Foi construído o MOTOLAB, trata-se de um laboratório de pesquisa e oficina de construção de modelos por prototipagem rápida, construídos e equipados com recursos da Motorola do Brasil. Com sua linguagem mais moderna, traços simples e geométricos, traz um toque moderno ao espaço até mesmo por sua cor vermelha, que se destaca entre os tons cinza dos pavilhões tradicionais. E como último marco físico ao espaço, tivemos a reabertura do acesso à ESDI, desativado há década, pelo Passeio Público e que visa atender as reformulações e aplicações de atividades, criando espaços de convivência e dando um ar mais contemporâneo a nova fachada. Além de indicar um ato de resistência a crise educacional que atingiu a UERJ.

## 2.5 O Desmonte Parcial do Morro de Santo Antônio

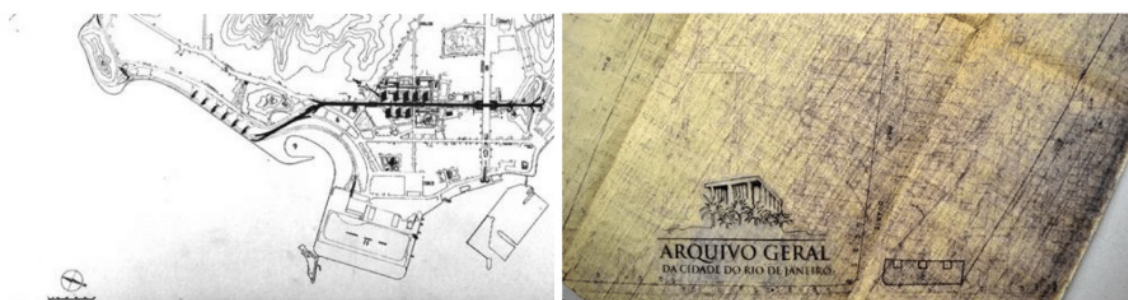


Figura 23 e 24: Plano para o eixo norte-sul; projeto de alinhamento da avenida República do Paraguai não executado. Crédito: Afonso Eduardo Reidy; autor desconhecido.

Fonte: NPD-FAU-UFRJ; Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Diversas remodelações do espaço urbano ocorreram ao longo do século XX na região central da cidade, sendo uma o projeto da Esplanada do Morro do Santo Antônio, que levou ao seu arrasamento parcial em 1950, preservando o trecho referente ao Convento de Santo Antônio e funcionamento dos Arcos da Lapa como acesso das linhas bondes de Santa Teresa. Tal intervenção visava viabilizar a abertura da Avenida Norte-Sul (atual Avenida República do Paraguai) em 1965 – ver figura 23. Projetada para ser elevada sobre a República do Chile, tinha objetivo de ligar a região do Passeio e Lapa com áreas próximas a Avenida Presidente Vargas (JOSÉ, C. A. D. 2010, PREFEITURA, D. 2002, VASCONCELOS, E. , BARROS, 2014), redefinindo a quadra onde se localiza a ESDI pela demolição total de alguns lotes e a demolição parcial do número 105 da rua Evaristo da Veiga, gerando um lote “triangular” que hoje

faz parte do conjunto da escola. Percebeu-se através da análise do projeto original, deste documento sem autoria e data do AGRJ (figura 24) e o que foi efetivamente executado, que existem diferenças. Os projetos demonstram que boa parte se não a totalidade dos edifícios que hoje compõem a ESDI e a Escola de Musica da UFRJ seriam demolidos para abertura da via – o que não ocorreu. Acredita-se que a atuação do SPHAN tenha influenciado nas decisões, fato que será mais aprofundado na próxima sessão deste artigo.

### 3 | ANÁLISE GRÁFICA DE ALGUMAS DAS TRANSFORMAÇÕES MORFOLÓGICAS

As figuras 28 até 38 evidenciam a transição de estilo arquitetônico que a escola sofreu. Na figura 28 é possível ver o laboratório farmacêutico do exército onde o estilo arquitetônico empregado era eclético com forte influência neogótica, estilo que segue algumas das edificações religiosas e militares na rua Evaristo da Veiga, ao perceber uma imagem interna do laboratório (figura 29) onde o reflexo da esquadria apresenta o mesmo desenho do prédio principal. Nas imagens da obra para a instalação da ESDI, as características dos materiais demonstram as alterações em curso naquele momento.



Figuras 25, 26, 27, 28 e 29: transição de estilo das janelas das edificações da ESDI. Crédito: Yasmin Machado.

Fonte: Acervo pessoal.

Nota-se que o resultado final do campus da ESDI apresenta estilo arquitetônico que difere do utilizado no Laboratório, o que também é evidenciado pelo desenho das duas esquadrias e sua diferença de estilo e composição. A alteração de estilo arquitetônico da Escola traz a tona hipótese de que a nova escola utilizou a necessidade de reformar as instalações para também se desvincular da imagem do passado deste lugar – o que pode estar relacionado a conjuntura política da época.



Na imagem aérea da região antes da abertura da rua república do Paraguai percebe-se que a altura da casa “A” se equipara com a do prédio principal do laboratório farmacêutico que possuía dois pavimentos. Na época da reforma para a instalação da ESDI a casa “A” ainda se encontra com dois pavimentos, porém com a mesma instalada nenhuma das casas apresentam dois pavimentos. A figura 33, por exemplo, apresenta as transformações nos anexos, a morfologia do telhado e a retirada da chaminé. Por fim, a figura 36 apresenta uma síntese através de um diagrama gráfico sequencial das principais transformações morfológica identificadas no conjunto edificado da ESDI.

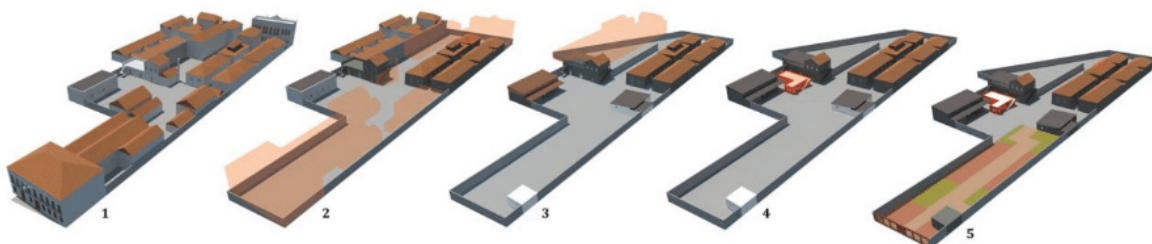


Figura 36: diagrama 1: anterior a 1963; diagrama 2: entre 1963 e 1975; diagrama 3: entre 1976 e 2000; diagrama 4: entre 2000 e 2010; diagrama 5: 2017 até o presente momento. Crédito: Yasmin Machado.

Fonte: acervo pessoal dos autores.

## 4 | CONCLUSÕES

Este trabalho é um ensaio acerca da experiência do grupo de pesquisa Representações Tridimensionais como Documentos da Memória, no qual a intenção principal foi de demonstrar a interconectividade entre as diferentes camadas da memória deste lugar – possível de ser lida como uma teia de sobreposições de usos e acontecimentos interligados direta ou indiretamente pelo viés do conhecimento, da ciência e do ensino, podendo ser identificado como um *genius loci* deste trecho da cidade do Rio de Janeiro. Muito embora ainda existam lacunas a serem pesquisadas acerca das camadas ainda ilegíveis, foi com grande entusiasmo que as descobertas aqui relatadas foram apresentadas aos atuais diretores da ESDI e seu corpo docente e discente, que pouco sabiam sobre as memórias pregressas dos edifícios que hoje compõem a instituição e seus arredores.

A perenidade de uma edificação demonstra as decisões acerca da sua construção e, principalmente, do seu uso; e a sobreposição dos usos ao longo do tempo determina sua vocação a qual fica impressa na memória urbana. O campus da ESDI é uma oportunidade extraordinária pela sua localização impar num contexto de grandes e importantes transformações e iniciativas – incluindo ela própria, sendo a primeira escola de Desenho Industrial da América Latina. Seus desdobramentos para o futuro



e as recentes transformações podem ser lidas como uma manutenção de espírito do tempo do lugar.

Espera-se que este breve ensaio contribua para construção da história do campus e do seu entorno e que, com isto, seja possível conhecer e reconhecer o seu passado, visando entender o presente, para se projetar o futuro não apenas das edificações, mas da própria instituição.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de. **A Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, IPLANRIO/Zahar, 1987.

BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração**. Tradução de KÜHL, Beatriz Mugayar. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

ESDI 2017. **Acevo Escola Superior de Desenho Industrial**. Disponível em: <<http://www.esdi.uerj.br/a-esdi/acervo>>. Acesso em: 29 outubro. 2017.

JABOATÃO, Antonio de Santa Maria. **Novo orbe seráfico brasílico, ou, Crônica dos frades menores da província do Brasil**. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiniano Gomes Ribeiro, 1862.

**Lei nº 1139 de 16 de dezembro de 1987.**

**LQFEx 200 anos – história de uma grande jornada**. Rio de Janeiro; Agência 2A Comunicação; 2008.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro / Joaquim Manuel de Macedo**; prefaciada por Astrojildo Pereira. Ed. rev. e anotada / por Gastão Penalva. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

RODRIGUES, Antônio; OAKIM, Juliana. **As reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro: uma história de contrastes**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, Vol. 28, N.1, pp. 19-53.

ROJO, José Tito; PORCEL, Manuel Casares. **Especificidad y dificultades de la restauración en jardineira. PH - Boletín del Instituto Andaluz del patrimonio histórico**. Publicación Trimestral, ano VII, numero 27, Junio 1999, pp. 138-145.

SANTOS, Nadjia Paraense dos. **Os Primeiros Laboratórios Químicos do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UERJ/ANPUH/Arquivo Público RJ, 2004. v. 1., p. 14. Disponível em: <[http://www.museunacional.ufrj.br/semear/docs/Apresentados\\_em\\_eventos/texto\\_SANTOS-NADJA.pdf](http://www.museunacional.ufrj.br/semear/docs/Apresentados_em_eventos/texto_SANTOS-NADJA.pdf)>. Acesso em: fevereiro de 2018.

STF 2018. **Banco de Imagens do Supremo Tribunal Federal**. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/listarImagem.asp?servico=bancolImagemBibliotecaPastaSTF>>. Acesso em: 14 de fevereiro. 2018

VIEIRA, João Paulo; PINTO, Eduardo. **Da Botica Real Militar ao Laboratório Químico Farmacêutico do Exército**. Rio de Janeiro; Agência 2A Comunicação; 2010.



## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**Willian Douglas Guilherme** - Pós-Doutor em Educação, historiador e pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: williandouglas@uft.edu.br

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-268-5

